



ENTRE O VERSO E A IMAGEM; O FOLHETO E O LIVRO: ENTREVISTA COM KLÉVISSON VIANA – CORDELISTA, XILOGRAVADOR, EDITOR, ILUSTRADOR E DESIGNER GRÁFICO

Naelza de Araújo Wanderley
<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>
Universidade Federal de Campina Grande
naelzanobrega@gmail.com

A entrevista apresentada a seguir foi motivada, principalmente, pela leitura de obras do poeta Klévisson Viana, para a determinação do *corpus* de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba¹. Durante o processo de leitura dos textos para definição daqueles que seriam, de fato, selecionados como *corpus* de um trabalho de tese, deparamo-nos com a vasta produção do referido poeta popular, editor da Editora Tupynanquim, adaptador de clássicos para o cordel, ilustrador e designer gráfico. Sua obra é apresentada ao público leitor em diferentes suportes, do folheto tradicional ao livro ricamente ilustrado.

Sobre a biografia e a obra de Klévisson Viana, explicitamos que ele nasceu em Quixeramobim, Sertão Central do Ceará. É cartunista, xilogravador, editor, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (RJ) e presidente da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará. Como fundador e diretor da Editora Tupynanquim, já publicou vários títulos de sua autoria e também de outros autores. Premiado com o troféu HQ Mix, como ilustrador, e, como melhor publicação, em 2003, com a obra *A moça que namorou o bode*. É também autor de obras como *Os Miseráveis em Cordel* (Editora Nova Alexandria); *O príncipe do Oriente e o pássaro misterioso*; *Pedro Malasartes e o urubu adivinhão* e vários outros folhetos / livros / cordelivros.

Cientes da importância da obra desse poeta popular no cenário da literatura de cordel contemporânea, destacamos aqui a importância do desenvolvimento de pesquisas voltadas para as muitas vertentes dessa produção e para o seu público leitor. É dessa forma que, em contato com a equipe da Editora Tupynanquim, para aquisição de livros e folhetos, decidimos convidar Klévisson Viana para participar de uma entrevista que teria como temas principais a sua obra e sua atuação como poeta popular na contemporaneidade. Argumentamos o quanto seria relevante a sua contribuição para as discussões propostas em nossa pesquisa. Ele, gentilmente, aceitou participar da referida entrevista, que foi realizada a partir do envio de um roteiro previamente elaborado, respondendo às questões em áudios via *WhatsApp*, posteriormente, transcritos.

¹ Atividade referente ao processo de orientação da tese em fase de elaboração da discente Ana Maria Henriques de Souza – PPGLE / UFCG.



Entrevistadora: Como nasceu a sua paixão pela literatura de cordel?

Poeta KV: Minha paixão pela literatura de Cordel surgiu ainda na minha primeira infância, quando meu pai, agricultor e poeta, chegava do roçado, sentava na cadeira espreguiçadeira e ia ler poesia pra gente, ia declamar versos. Então, minha paixão pela literatura de cordel surgiu com meu pai como interlocutor e promovendo essas rodas de leitura em casa pra mim, pra meus irmãos, pra minha mãe. Dessa forma, todos lá em casa acabamos nos apaixonando pela poesia popular. Em especial, autores como Alberto Porfírio, Leandro Gomes de Barros, Zé Pacheco, esses autores.

Entrevistadora: Quais as suas principais influências enquanto poeta de cordel e por que essa “escolha”?

Poeta KV: Minhas principais influências são Alberto Porfírio, primeiramente, o Zé Pacheco, o Leandro Gomes de Barros e muitos poetas contemporâneos, como Marco Aurélio, Bule Bule, Arievaldo Viana, meu saudoso irmão, Rouxinol do Rinaré e muitos outros.

Entrevistadora: Como você compreende o processo de adaptação de textos considerados clássicos para as narrativas poéticas do cordel, realizado pelos poetas populares ao longo da história dessa literatura?

Poeta KV: Eu compreendo essas adaptações como algo totalmente natural. Você vê, por exemplo, é comum autores da literatura dita oficial se inspirarem na literatura de cordel, e a literatura de cordel se inspirar nessa literatura e fazer adaptações. Na verdade, tudo não passa de contação de história. Tudo é contação de história. Quando

você vai no ônibus e vê duas pessoas conversando e atina o ouvido pra ouvir, aquelas duas pessoas estão contando história. Quando você liga o rádio, a sua intenção é escutar uma boa história. Liga a TV pra escutar uma boa história. Abre o livro pra ler uma boa história. Então, o ser humano tem essa necessidade, essa necessidade permanente, assim como respirar comer, beber água, de ouvir e contar histórias. Quando você pega um clássico e reconta na literatura de cordel, você está tornando ela mais acessível ainda, usando a linguagem mais coloquial, traduzindo uma obra, às vezes complexa, pra uma linguagem mais simples, fazendo com que ela chegue ao maior número possível de leitores.

Entrevistadora: Com a Editora Tupynanquim, você não somente se apresenta aos leitores de cordel como editor, mas também adaptador de clássicos para o cordel, como ilustrador, como designer gráfico e como poeta que tem uma vasta produção publicada, tanto no suporte folheto quanto em livros, ricamente ilustrados. Assim sendo, gostaria de pedir para você comentar sobre os seguintes aspectos dessa sua produção enquanto cordelista / poeta popular: Em suas origens, a literatura de cordel, apesar de recorrer aos recontos dos contos de fadas, das histórias sobre um tempo em que os bichos falavam, não especificava, entre os seus muitos temas, uma produção direcionada para o leitor criança. Entretanto, essa realidade é modificada de diversas formas no cenário de produção da literatura de cordel contemporânea. Esse aspecto se traduz em vários de seus poemas como, por exemplo, *O pulo do gato* (livro - Editora IMEPH), *João e o pé de feijão* (livro - Edições Demócrito Rocha) e também em folheto, *A rainha dos pavões* – folheto. Assim sendo, como você compreende esse caminho trilhado por uma literatura que, ao mesmo tempo em

que se renova em muitos aspectos, mantém a tradição de “traduzir” para a linguagem de seus leitores, agora muitas vezes identificados (cordel para crianças), as histórias contadas pelo povo (contos populares) e pelos clássicos?

Poeta KV: A literatura de cordel sempre bebeu na fonte dos contos populares, e as adaptações sempre foram uma constante, desde os primórdios dessa literatura, e a gente sempre identifica adaptações. Os poetas do passado adaptaram muitas coisas das *Mil e uma noites*, do *Decamerão*, e contos populares frequentemente eram adaptados. E agora, com essa com essa adoção do cordel em sala de aula, principalmente voltado para o público infantil, a minha geração deu essa contribuição, direcionar uma produção exatamente pra esse público, buscando construir livros bem ilustrados com que possa ter esse apelo que agregue valor e possa ter esse apelo mais forte com o público infanto-juvenil. Acredito que essa minha geração foi responsável pela criação dessa literatura infantil em Cordel. Pelo menos, ao delimitar esse território, o que tem crescido bastante é a busca, a demanda, porque o mercado de folheto sempre se moldou à demanda do público leitor, né? Se o público procura, se o público busca, se o público reivindica, o poeta produz com esse viés, nessa perspectiva.



Fonte:

<https://cdn.awsli.com.br/600x450/105/105270/produto/3267026/4bb62a9832.jpg>

Entrevistadora - A publicação de *O pavão misterioso: cordel em quadrinhos* (2010), você não somente retomou a experiência de uma nova roupagem para o clássico de José Camelo de Melo Resende, realizada pela Editora Prelúdio, na década de 60, mas também, enquanto poeta e quadrinista, abriu / fortaleceu o cenário para a consolidação do cordel em quadrinhos, ou cordel quadrinizado, um gênero híbrido que une duas literaturas vistas, muitas vezes, como marginais. Dessa forma, como você, enquanto poeta, quadrinista, editor, enfim, enquanto personagem que faz parte da história dessa literatura, compreende o processo criativo e a permanência desse gênero entre os leitores de cordel?

Poeta KV: O cordel, ele se harmoniza muito bem com qualquer gênero, com qualquer linguagem, tanto que é facilmente adaptável para o teatro, para o cinema, para a televisão, para qualquer outro recurso, para qualquer outra mídia, o cordel cai bem. No caso dos quadrinhos, o casamento é perfeito. Fizemos várias experiências nesse sentido, com *O cangaceiro do futuro e o*

jumento espacial. Fizemos também *Artimanhas de Pedro Malasartes e Urubu Adivinhão*, em quadrinhos. *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás* também foi adaptado para os quadrinhos e muitas outras experiências nesse sentido, a exemplo da adaptação que foi feita pelo saudoso cartunista Sérgio Lima, do clássico de José Camelo de Melo Rezende *Pavão Misterioso*.

Poeta KV: Por sinal, ainda nos quadrinhos, ganhamos aí três vezes o troféu HQ Mix, afora vários outros prêmios. O HQ Mix, que é o prêmio mais importante para os quadrinhos, na América Latina, ganhamos três vezes consecutivas e, por sinal, a linguagem do cordel esteve sempre presente nessas três HQs que foram premiadas. A exemplo de *A moça que namorou com o bode*, que é uma adaptação de um cordel de Arievaldo Viana para os quadrinhos, adaptação esta que eu desenhei a partir desse cordel do Ari.



Fonte:

https://i0.wp.com/www.touchelivros.com.br/wp-content/uploads/2025/10/a_moca_que_namorou_com_o_bode.jpg?fit=300%2C431&ssl=1

Entrevistadora - Como você caracteriza / define os cordéis publicados no suporte

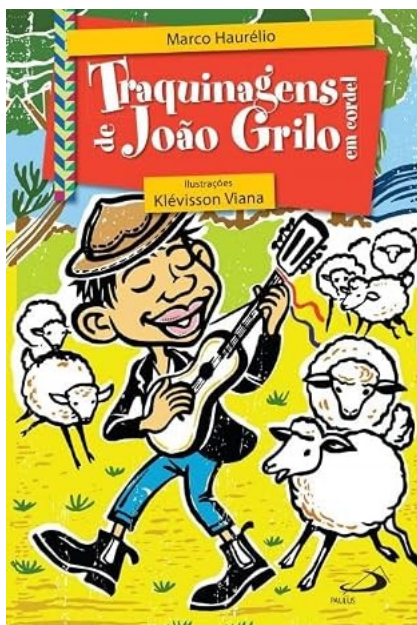
livro que apresentam o que chamaremos aqui de “tríplice autoria” (é de sua autoria o texto, o projeto gráfico e a ilustração)? Como exemplo, citaremos *As aventuras de Dom Quixote em versos de cordel* (Tupynanquim Editora, Edições Livro Técnico e Editora Coqueiro – 2005).

Poeta KV: Uma obra como Dom Quixote em Cordel, *As aventuras de Dom Quixote em versos de cordel*, onde eu realizei a ilustração, o texto e o projeto gráfico, é um uma forma de mostrar as muitas nuances do meu trabalho para o leitor, muito embora não seja o que eu costumo fazer com frequência. Eu gosto muito de convidar outros ilustradores pra ilustrar trabalhos meus e ilustrar trabalhos de outros autores. Eu acho importante esse intercâmbio porque, além de enriquecer o trabalho, ele apresenta mais de um autor pra o leitor de uma só vez, possibilita que o autor, que o leitor tenha acesso a um bom autor do texto e a um bom ilustrador numa única obra. Isso pra mim é primordial, e, quando você abre esse leque, essa possibilidade, enriquece diálogo entre leitor e autor e, dessa forma, a literatura cresce, ela se consolida, ela se torna cada vez mais presente na vida das pessoas.

Entrevistadora: O livro *Traquinagens de João Grilo em cordel* (Editora Paulos – 2010) tem como autor do texto Marco Haurélio e as ilustrações são de Klévisson Viana. Quando a parceria autor / ilustrador acontece, ou seja, você não é o autor da narrativa poética, mas assume a autoria da narrativa através das imagens que acompanham ou recontam os versos de cordel, como se dá a interação do Klévisson ilustrador com os versos de outro autor, ou seja, o diálogo entre texto verbal e texto visual?

Poeta KV: No livro *Traquinagens de João Grilo*, o Marco Haurélio é um

velho parceiro. Já illustrei pra ele várias outras obras, muitas delas premiadas, como *O Conde de Monte Cristo* e *O cavaleiro de prata*, que são obras premiadas pelo Ministério da Educação, que eu tive o privilégio de ilustrar para o Marco, sem contar que o Marco Haurélio é, de longe, um dos maiores autores dessa nova geração. Ele, com certeza, está entre os cinco maiores autores dessa nova geração, então é um privilégio trabalhar com o autor da grandeza de Marco Haurélio.



Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/61-MLkSbRxL._SY466_.jpg

Entrevistadora: Sua produção, como dito anteriormente, é publicada tanto em livros quanto em folhetos. Como você compreende esse fenômeno editorial vivenciado pela literatura de cordel contemporânea? Você acha que a crescente publicação do cordel no suporte livro ameaça a permanência do tradicional folheto entre os leitores? Por quê?

Poeta KV: Eu não acredito que a produção de livros de literatura de cordel ameace o suporte folheto não. Por quê? Porque são públicos distintos.

Geralmente, a pessoa que pode, que tem dinheiro para adquirir um folheto, ela pode comprar um folheto num preço mais acessível e não tem, não dispõe, às vezes, do recurso pra comprar um livro. Eu acho que você consegue chegar a um número maior de pessoas quando você possibilita que essa literatura circule em suportes diferentes. Por outro lado, o livro também é muito interessante, não só por ser um suporte mais resistente, que vai demorar mais nas estantes, nas bibliotecas, e vai permitir que a obra daquele autor se consolide, se eternize por mais tempo, mas também porque o livro, ele agrega mais valor econômico e possibilita que o autor possa sobreviver mais dignamente do seu trabalho.

Entrevistadora: O que você diria sobre e a essa nova geração de cordelistas que compõem o cenário da atual literatura de cordel brasileira?

Poeta KV: Nessa nova geração de poetas populares, tem alguns muito talentosos e outros nem tanto, porque, como o cordel se tornou uma peça *cult*, está na moda, como se diz, tem muita gente se inspirando nele, até cordelista televisivo tem aparecido, então essa galerinha que se inspira nesses fenômenos midiáticos da internet e não tem a vivência com a literatura de cordel, não tem esse suporte da leitura dos clássicos, não tem o conhecimento mais aprofundado dentro dessa linguagem, dentro dos signos que compõem esse universo, esse rico universo da literatura de cordel, e acaba fazendo um texto mais débil, mais frágil, mais fraco, mais diluído, né? É, então, mas o tempo se encarrega de colocar as coisas no seu devido lugar. Quem for bom permanece, quem for fraco o tempo se encarrega de apagar, é assim que eu creio, acredito, não é?



Entrevistadora: Qual a sua percepção acerca de produções / manifestações poéticas vinculadas à literatura de cordel contemporânea como o cordel virtual, o quadrel, entre outras?

Poeta KV: Acho que, quando você leva a poesia da literatura de cordel nesses suportes novos que a tecnologia permite na internet e outras formas de vincular essa poesia, eu acredito que aquela pessoa que tem curiosidade vai procurar conhecer mais e mais, e outros nem tanto. Vão se satisfazer só com aqueles fragmentos, e fica por aí mesmo, mas, quando a pessoa se encanta por essa poesia e procura conhecer mais e mais, ela vai buscar outros suportes mais robustos, como o texto e o folheto.

Entrevistadora: Como você entende a presença da literatura de cordel no espaço escolar, na sala de aula, enquanto texto literário a ser mediado para diferentes leitores, em diferentes momentos da formação destes?

Poeta KV: Acredito que a educação no Brasil, em especial na região norte e no nordeste, tem uma dívida imensurável com a literatura de cordel e não faz favor nenhum em trabalhar o cordel aula. Porque o cordel alfabetizou milhares e milhares e milhares de pessoas. Onde não tinha o professor, o professor folheto se fazia presente. Então, eu imagino que o cordel estar na escola é só uma questão de justiça. Ele tem muito a oferecer no ambiente escolar porque o cordel se propõe a ser um suporte de difusão do conhecimento em qualquer ciência, em qualquer matéria ele pode ser útil, não é? Sem precisar passar por adaptações, porque a matemática está presente na contagem silábica dos versos, né? A geografia você pode encontrar na descrição dos cenários que compõem determinado romance, determinada história, né? E por aí vai, o português também está presente na composição dos

versos. Enfim, a ciência também, você pode encontrar, em vários momentos, folhetos direcionados que trabalham essa questão das ciências, das tradições, e muitos outros conhecimentos. Você pode encontrar prazer na literatura de cordel, e o cordel como um instrumento paradidático, ele tem muito muito muito a enriquecer o currículo escolar. Acredito que a criança que se encanta pela literatura de cordel desasna na leitura, aprende a ler fluentemente, perde a timidez, começa a falar em público mais fluentemente e, através da leitura de folhetos, em voz alta, em sala de aula, pode dotar as crianças dessas capacidades.

Entrevistadora: Que sugestões você daria ao professor que tem como tarefa mediar, em sala de aula, a poesia de cordel, especialmente esse cordel da contemporaneidade, que se apresenta ao público em diferentes suportes, associado a outros gêneros como os quadrinhos, associado também às narrativas compostas também pelas imagens / ilustrações, de forma que novas portas são abertas para leitura do gênero cordel, direcionadas para diferentes leitores e em diferentes contextos?

Poeta KV: O cordel ocupar outros suportes era uma necessidade, por quê? Porque hoje tudo que a criança e o adolescente pegam tem muita vida, tem muita cor, e o folheto era tímido. O folheto, em seu formato tradicional, era um pouquinho tímido. Então, quando você traz o folheto, traz o cordel para o livro ilustrado e para as histórias em quadrinhos, você está conseguindo trazer essa poesia na sua essência, mantendo todas as características originais pra um público que antes não tinha acesso a ela e nem se interessava por ela. Então, imagino que existem muitas formas de trabalhar o cordel em sala de aula: a dramatização de textos pode ser



trabalhada, também a questão da leitura em voz alta, interpretação, ler uma estrofe e debater sobre ela, né? Discutir sobre ela. Existem muitas formas de trabalhar, e uma das piores que tem é querer fabricar poetas onde não existem poetas, querer forçar as crianças a escrever versos sem capacidade nenhuma pra escrever versos, porque, pra escrever, a pessoa tem que ter um dom, uma vontade de escrever, um impulso pra compor versos, pra se sentir motivado, que goste de literatura, goste de poesia, então tem tudo isso, né? Mas, assim, você trabalhar o cordel como um instrumento que vai levar o conhecimento, o saber, vai levar a nossa cultura até essas pessoas, isso é muito benéfico, é muito produtivo e pode enriquecer muito essa experiência do professor com aluno em sala de aula.